

Sigmund Freud: O Mal- Estar na Civilização

Maíra Nunes da Silva¹
Maria Silvelane Braga da Silva²
Mayane Almeida da Silva³

Resumo: O presente artigo tem como objetivo realizar uma reflexão sobre a obra de Sigmund Freud que se intitula por “O mal-estar na civilização”, abordando a situação do homem na sociedade, que é descrita como fundamentalmente marcada pelo antagonismo inevitável entre as exigências do instinto e as restrições da civilização. Diante da repressão imposta pela sociedade, Freud analisa vários aspectos psicológicos os quais ele denomina por super-ego, ego, id, entre outros aspectos como o sentimento de culpa, sexualidade, consciência, prazer, agressividade, instinto e sofrimento. As análises de Freud visavam um ponto principal, ou seja, a possibilidade de felicidade humana, na qual foi restrita pela sociedade.

Palavras-Chaves: Civilização, Instinto, Aspectos Psicológicos e Felicidade.

¹ Aluna do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), unidade da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

² Aluna do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), unidade da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

³ Aluna do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), unidade da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Bolsista do projeto Equilíbrio da Mente.

1. INTRODUÇÃO

Nos tempos primitivos, na qual a espécie humana, enquanto descendente de um ramo dos primatas, estava evoluindo progressivamente, o homem já tinha relações com outros homens. Mas em meio à divisão social do trabalho e o início da vida urbana, a cidade instituiu uma nova forma de viver, onde a troca de ideias passou a ser maior, surgindo novas formas de organizar a vida. Desse modo nasceu a sociedade, ou seja, uma vida em grupo que se caracteriza por apresentar relações sociais complexas, na qual o interesse coletivo impõe regras às condutas individuais.

O homem não é livre para fazer o que quer, pois a civilização impõe limites, sendo que quando o indivíduo não obedece as leis da sociedade, este é punido ou excluído da mesma, sendo assim o homem tem que ter um pleno controle diante dos seus instintos e impulsos para manter um equilíbrio social.

O presente artigo pretende realizar uma reflexão sobre a obra “O Mal-Estar na Civilização” escrita em 1929 e publicado em 1930 pelo médico neurologista e criador da Psicanálise, Sigmund Freud. Para esta reflexão utilizamos o livro “Os Pensadores”, que é constituído por alguns textos de Freud, na qual foi selecionado por Jayme Salomão e traduzido por Durval Marcondes. Despertamos um pleno interesse por esta obra, pois esta retrata várias questões importantes para o entendimento e conhecimento interior do próprio homem, bem como da relação deste com o meio social. Essa inquietação também partiu do princípio de que há poucas análises e reflexões em relação a este texto freudiano e sobre os assuntos tratados. Dessa forma será ilustrada no decorrer do presente trabalho toda a abordagem feita por Sigmund Freud.

2. O QUE É EGO, ID E SUPER-EGO?

Em relação ao funcionamento psíquico, Freud pensou o psiquismo dividido em sistemas não localizáveis anatomicamente, denominados por ele de: Ego (eu), Id (isso) e Super-Ego (super-eu). Estes sistemas são formações subjetivas, em que as manifestações psíquicas possuem sempre um sentido, uma intenção, um lugar na vida do sujeito.

O Id possui uma atividade inconsciente, ou seja, é regido pelo princípio do prazer e impulsionado pela busca de satisfação. É uma instância psíquica menos acessível ao sujeito. O Ego está relacionado à consciência. Sua existência está conectada ao sistema perceptivo, recebe influência do mundo externo e das forças provenientes do Id. Uma parte do Ego é consciente e outra é movida pela influência inconsciente. O Super-Ego funciona como instância crítica controlando conteúdos provenientes do Id, não aceitáveis no plano da consciência. Emerge do eu, não é consciente e surge em virtude da introjeção de normas e valores existentes na família e na cultura nas quais pertence o sujeito. Tenta regular o conflito de forças entre o Id e o Ego.

Apesar da obra “O Mal-Estar na Civilização” evidenciar estes três aspectos psicológicos, o mais citado é o Ego. Segundo Freud (1978, p.132) “Normalmente, não há nada do que possamos estar mais certos do que do sentimento do nosso eu, do nosso próprio Ego. O Ego nos parece como algo autônomo e unitário, distintamente demarcado de tudo o mais”.

No sentido do exterior, o Ego parece manter linhas de demarcação bem claras e nítidas, mas somente um estado pode manter estas linhas, ou seja, no auge do sentimento de amor, a fronteira entre Ego e objeto ameaça desaparecer. O homem que está amando declara que “eu e tu” são um só.

O sentimento do Ego do adulto não pode ter sido o mesmo desde o início, uma vez que passou por um processo de desenvolvimento. Uma criança recém-nascida ainda não destingue o seu Ego do mundo externo como fonte das sensações que fluem sobre elas. Outro incentivo para o desengajamento do Ego com relação para o reconhecimento de mundo externo é proporcionado pelas inevitáveis sensações de sofrimento e desprazer, cujo afastamento é imposto pelo princípio do prazer. Dessa forma Freud afirma:

Surge, então, uma tendência a isolar do Ego tudo que pode torna-se fonte de tal desprazer, a lançá-lo para fora e a criar um puro Ego em busca de prazer, que sofre o confronto de um “exterior” estranho e ameaçador (FREUD, 1978, p.134).

Por meio de uma direção deliberada das próprias atividades sensórias e de uma ação muscular apropriada, se pode diferenciar o que é interno (pertencente ao Ego) e o que é externo (pertencente ao mundo externo). Sendo assim:

Essa diferenciação, naturalmente, serve à finalidade prática de nos capacitar para a defesa contra sensações de desprazer que realmente sentimos ou pelas quais somos ameaçados. A fim de desviar certas excitações desagradáveis que surgem do interior, o Ego não pode utilizar senão os métodos que utiliza contra o desprazer oriundo do exterior, este é o ponto de partida de importantes distúrbios patológicos (FREUD, 1978, p. 134).

3. A BUSCA DO HOMEM PELA FELICIDADE E A SUPERAÇÃO DO SOFRIMENTO CAUSADO PELA CIVILIZAÇÃO

A vida muitas vezes é árdua demais para os seres humanos proporcionando muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. Dessa forma o que o homem deseja e esforça-se para obter é a felicidade, ou seja, querem ser felizes e assim permanecer. Esse fato apresenta dois aspectos: uma meta positiva e uma meta negativa. Por um lado, visa uma ausência de sofrimentos e de desprazer e por outro, a experiência de intensos sentimentos de prazer.

Para Freud (1978, p. 141) “O que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início”.

Diante desse pensamento de Freud, não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que seu programa se encontre em desacordo com o mundo interior, onde ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja feliz não se acha incluída no plano da civilização. O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação de necessidades represadas. Nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nosso próprio meio social.

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções, ou seja, do nosso corpo, condenado a decadência e a dissolução, e que nem mesmo podem dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com força de destruição esmagadora e de nossos relacionamentos com os outros homens.

Diante das análises sobre a felicidade e o sofrimento Freud afirma:

Não admira que, sobre a pressão de todas essas possibilidades de sofrimento, os homens se tenham acostumado a moderar suas reivindicações de felicidade, tal como, na verdade, o próprio princípio do prazer, sobre a influência do mundo externo, se transformou no mais modesto princípio da realidade, que um homem pense ser ele

próprio feliz, simplesmente porque escapou à infelicidade ou sobreviveu ao sofrimento, e que, em geral a tarefa de evitar o sofrimento coloque a de obter prazer em segundo plano (FREUD, 1978, p.141).

Contra o sofrimento que pode vir dos relacionamentos humanos, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, ou seja, o manter-se a distância das outras pessoas. Muitos indivíduos se defendem da civilização estabelecendo um afastamento dela.

Ao refletir sobre a superação do sofrimento Freud afirma:

(...) existem substâncias estranhas, as quais, quando presentes no sangue ou nos tecidos ,provocam em nós, diretamente, sensibilidade, que nos tornamos incapazes de receber impulsos desagradáveis. (...) é possível que haja substâncias na química de nossos próprios corpos que apresentem efeitos semelhantes, pois conhecemos pelo menos um estado patológico, a mania, no qual uma condição semelhante à intoxicação surge sem administração de qualquer droga intoxicante (FREUD, 1978, P. 142).

Essas substâncias presentes no corpo humano proporcionam, de acordo com Freud, felicidade, o afastamento do sofrimento, produção imediata do prazer e independência em relação ao mundo externo. A satisfação dos instintos humanos equivale à conquista da felicidade, mas o mundo externo (sociedade) se recusa a satisfazer as necessidades (instintos) humanas, causando um sofrimento. Sendo assim o homem só tem esperanças de se libertar de uma parte dos sofrimentos, agindo sobre os próprios impulsos instintivos, ou seja, controlando sua vida instintiva. Desse modo o sentimento de felicidade derivado da satisfação de um impulso instintivo não domado pelo ego é incomparavelmente mais intenso do que o derivado da satisfação de um instinto que já foi domado.

Segundo Freud (1978, p.143) “Outra técnica para afastar o sofrimento reside no emprego dos deslocamentos de libido que nosso aparelho mental possibilita e através dos quais sua função ganha tanta flexibilidade”. Desse modo é preciso reorientar os objetivos instintivos de maneira que amenize a frustração do mundo externo. Mas é importante salientar que outro procedimento de Freud, para superar o sofrimento é as ilusões, onde se perde o vínculo com a realidade, predominando o mundo da imaginação para realizar desejos irrealizáveis no mundo real. Freud considera a

realidade como a única inimiga e a fonte de todo o sofrimento, com a qual é impossível viver, de maneira que, se quisermos ser felizes temos que romper todas as relações com ela.

4. ASPECTOS CARACTERÍSTICOS DA CIVILIZAÇÃO E A RENÚNCIA DOS INSTINTOS HUMANOS

A civilização é vista como a causadora do sofrimento humano, na qual seríamos muito mais felizes se a abandonássemos e retornássemos as condições primitivas. Segundo Freud (1978, p.149) “Uma pessoa se torna neurótica porque não pode tolerar a frustração que a sociedade lhe impõe, a serviço de seus ideais culturais, inferindo-se disso que a abolição ou redução dessas exigências resultaria num retorno a possibilidade de felicidade”.

A palavra civilização descreve a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados, e que servem a dois intuitos, o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os seus relacionamentos mútuos. Os primeiros atos de civilização foram à utilização de instrumentos, a obtenção do controle sobre o fogo e a construção de habitações. A beleza, a limpeza e a ordem ocupam uma posição especial entre as exigências da civilização.

Um dos aspectos característicos da civilização mais importante é a maneira pela qual os relacionamentos sociais dos homens, são regulados, onde o elemento de civilização entra em cena como a primeira tentativa de realizar essa regulamentação. Segundo Freud (1978, p.155) “Se essa tentativa não fosse feita, os relacionamentos ficariam sujeitos à vontade arbitrária do indivíduo, o que equivale a dizer que o homem fisicamente mais forte decidiria a respeito deles no sentido de seus próprios interesses e impulsos instintivos”.

Sendo assim a substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui o passo decisivo da civilização. É importante ressaltar que a justiça é a primeira exigência da civilização, ou seja, a garantia de que uma lei, uma vez criada, não será violada por um indivíduo.

Diante de tal questão Freud comenta que:

O resultado final seria um estatuto legal para o qual todos, exceto os incapazes de ingressar numa comunidade, contribuiriam com um

sacrifício de seus instintos, e que não deixa ninguém novamente com a mesma exceção a mercê da força bruta. (FREUD, 1978, p.155).

O fato é que a liberdade do indivíduo não constitui o dom de uma civilização que é construída sobre uma renúncia ao instinto humano, proporcionando a não-satisfação pela opressão e repressão de instintos, na qual essa “frustração cultural”, denominada por Freud, domina o grande campo dos relacionamentos sociais entre os seres humanos.

Outro ponto importante é que a civilização restringe a vida sexual dos seres humanos, em que estes não têm liberdade em sua sexualidade, pois a sociedade só permite os relacionamentos entre um homem e uma mulher.

5. OS MEIOS QUE A CIVILIZAÇÃO UTILIZA PARA INIBIR A AGRESSIVIDADE HUMANA

Sigmund Freud ao analisar os meios que a civilização utiliza para inibir a agressividade que a opõe, passa a refletir sobre a história do desenvolvimento do ser humano. Diante dessa reflexão ele observou que a agressividade é internalizada, ou seja, enviada de volta para o lugar de onde proveio dirigida no sentido do seu próprio ego. Desse modo o desejo de agressão humana se torna inofensivo. Decorrente desta constatação Freud complementa sua idéia afirmando:

Aí, é assumida por uma parte do ego, que se coloca contra o resto do ego, como super-ego, e que então, sob a forma de “consciência”, estar pronta para por em ação contra o ego a mesma agressividade rude que o ego teria gostado de satisfazer sobre outros indivíduos, a ele estranhos. A tensão entre o severo super-ego e o ego, que a ele se acha sujeito, é por nos chamado de sentimento de culpa; expressa-se como uma necessidade de punição (FREUD, 1978, P.176).

Dessa forma a civilização consegue dominar o perigoso desejo de agressão do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o, onde o super-ego atormenta o ego pecador e fica a espera de oportunidades para fazê-lo ser punido pelo mundo externo. Quando um homem, por exemplo, quer agir com agressividade por algum motivo instintivo de acordo com seu ego, o super-ego que é como se fosse como uma autoridade interna, faz

com que o homem crie consciência do erro e não realize a agressão renunciando o instinto por medo da consciência.

A divergência entre o super-ego e o ego, ou seja, o sentimento de culpa tem duas origens, uma que surge do medo de uma autoridade, e outra posterior, que surge do medo do super-ego. A primeira insiste numa renúncia às satisfações instintivas; a segunda ao mesmo tempo em que faz isso, exige punição, uma vez que a continuação dos desejos proibidos não pode ser escondida do super-ego. No caso o super-ego marcado por uma severidade envolvendo as exigências da consciência, é simplesmente uma continuação da severidade da autoridade da sociedade, a qual sucedeu e que, em parte, substituiu.

Resultante das análises de Freud é possível observar a relação da renúncia ao instinto com o sentimento de culpa. Dessa forma a renúncia ao instinto constitui o resultado do medo de uma autoridade externa, na qual é preciso o ser humano renunciar às próprias satisfações para não perder o amor e aceitação da autoridade onde efetuando essa renúncia o indivíduo estará conforme o que a sociedade impõe e nenhum sentimento de culpa permanecerá. Mas quanto ao medo do super-ego, a renúncia instintiva não basta, pois o desejo persiste e não pode ser escondido do super-ego, ocorrendo um sentimento de culpa.

Segundo Freud (1978, p.181) “(...) a consciência surge através da repressão de um impulso agressivo, sendo subsequentemente reforçado por novas repressões do mesmo tipo.” Diante deste pensamento de Freud é possível observar que o sentimento de culpa do ser humano provém da agressividade reprimida.

6. A ANALOGIA ENTRE O PROCESSO CIVILIZATÓRIO E O CAMINHO DO DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL

A sociedade desenvolve um super-ego sob cuja influência se produz a evolução cultural. No caso o super-ego de uma época de civilização tem origem semelhante a do super-ego de um indivíduo. O ponto de concordância entre o super-ego cultural e o individual é que ambos estabelecem exigências ideais estritas, cuja desobediência é punida pelo medo da consciência.

De acordo com a analogia feita por Freud:

(...) na realidade os processos mentais relacionados são mais familiares para nós e mais acessíveis a consciência tal como vistos no grupo, do que o podem ser no indivíduo. Neste ,quando a tensão cresce, é apenas a agressividade do super-ego que, sob a forma de censuras, se faz ruidosamente ouvida ;com freqüência, suas exigências reais permanecem inconscientes no segundo plano. Se as trazemos ao conhecimento consciente, descobrimos que elas coincidem com os preceitos do super-ego cultural predominante(FREUD,1978,p.191).

Desse modo os dois processos, o do desenvolvimento cultural do grupo e o do desenvolvimento cultura do indivíduo se acham sempre interligados.

Diante da realização de uma pesquisa sobre uma neurose, Freud censura o super-ego do indivíduo ,ou seja, é contra a severidade de suas ordens e proibições,na qual para ele o super-ego se preocupa muito pouco com a felicidade do ego. Exatamente as mesmas objeções podem ser feitas contra as exigências éticas do super-ego cultural ,onde estas também não se preocupa de modo suficiente com os fatos da constituição mental dos seres humanos. No caso a sociedade emite ordens, leis, normas e não reflete se é possível às pessoas obedecê-la. A civilização acredita que o ego de um homem é psicologicamente capaz de obedecer tudo o que é lhe é exigido, ou seja, que o ego desse homem dispõe de um domínio ilimitado sobre o seu id.

Segundo Freud (1978, p.192) “Caso se exija mais de um homem, produzir-se-á nele uma revolta ou uma neurose, ou ele se tornará infeliz”. Sendo assim a civilização deve ter cautela ao impor exigências e normas pra os seres humanos, pois o homem é um ser que precisa se adaptar as leis para que possa cumprir com tais exigências.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos o objetivo de que este artigo sirva como uma fonte de reflexão e informação para aquelas pessoas que tem interesse pelas obras de Sigmund Freud e seus pensamentos. Acreditamos que o presente trabalho vem a somar com os demais trabalhos já existentes e tem o papel de conscientizar a sociedade para que esta não restrinja as exigências dos instintos humanas de forma severa, levando o homem a uma neurose ou tornando-o completamente infeliz.

O que o ser humano mais deseja é ser feliz, dessa forma vive em busca da realidade, mas é possível observar nas análises freudianas que muitas vezes o homem é feliz saciando seus instintos, fato este que é complicado, uma vez que a civilização

impõe leis (regras, normas) que julga necessárias para boas relações sociais, restringindo e controlando assim os instintos, vontades e desejos humanos.

Entretanto, a civilização não deve impor vários limites ao ponto de controlar até mesmo os sentimentos dos indivíduos, pois o homem também precisa de liberdade para pensar de forma saudável sobre si próprio e sobre a sua relação com o meio social.

Diante dessa perspectiva, acreditamos que se a sociedade ao invés de estabelecer apenas leis para os indivíduos tentasse primeiramente escutar cada um e buscasse saber se todos têm condições de cumprir com tais normas, talvez fosse possível manter um equilíbrio entre o ato de saciar instintos inofensivos e os limites impostos pela civilização para que tanto o homem como a sociedade em geral seja feliz.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

FREUD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise; A história do movimento psicanalítico; O futuro de uma ilusão; O mal-estar na civilização; Esboço de psicanálise / Sigmund Freud; [Os pensadores]; Seleção e textos de Jayme Salomão; Tradução de Durval Marcondes. São Paulo: Abril Cultural, 1978.